

UFRGS – INSTITUTO DE LETRAS
Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa –
8ª Edição
Trabalho de Conclusão de Curso

ENUNCIADOS DA MARCHA DAS VADIAS: UMA ANÁLISE À LUZ DAS
FIGURAS DE LINGUAGEM

GOMES, Bhia Tabert Marcondes de Moura¹

Orientadora:
Profa. Dra. Sabrina Pereira de Abreu²

RESUMO: A Marcha das Vadias é um movimento contemporâneo organizado a partir da necessidade de discussão sobre os direitos e as lutas das mulheres na sociedade. O presente trabalho ressalta a importância dos discursos sociais, bem como a abordagem de temas transversais em sala de aula. Demonstra, a partir de uma análise de enunciados das Marchas das Vadias, que as figuras de linguagem estão presentes na construção dos argumentos das militantes e que causam diferentes efeitos de interpretação no público em geral. Utilizando as figuras de linguagem, os interlocutores percebem, de maneira criativa e bem humorada, que a luta contra a violência sofrida pelo gênero feminino faz parte da construção da cidadania.

Palavras-chave: Marcha das Vadias; Temas transversais; Educação; Figuras de Linguagem .

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho abordará figuras de linguagem a partir dos enunciados veiculados através do movimento da Marcha das Vadias. As figuras elencadas para a análise são: metáfora, metonímia e ironia. Foram escolhidas a partir das características linguísticas do *corpus* selecionado. Inicialmente haverá uma retomada acerca do Movimento Feminista, que organiza a marcha em protesto pelo fim da violência contra a mulher e em prol de uma sociedade mais justa para homens e mulheres.

¹ Aluna da 8ª Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS/ Instituto de Letras.

² Professora da 8ª Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS/ Instituto de Letras.

Em seguida, alguns enunciados veiculados pela Marcha das Vadias serão colocados em análise, a partir dos efeitos sociais que ela provoca, principalmente por possuir uma proposta baseada em cartazes e dizeres irreverentes, que chocam o público em geral.

Nessa perspectiva, o presente trabalho discorrerá sobre a necessidade de desenvolver nas escolas atividades que façam com que os estudantes discutam temas transversais que, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, expressam conceitos e valores básicos à cidadania. Não são disciplinas autônomas, mas temas que permeiam todas as áreas do conhecimento e que são relevantes por propiciarem o crescimento ético enquanto cidadão.

A partir da abordagem das figuras de linguagem elencadas, será realizada uma análise de um *corpus* constituído de enunciados veiculados pelo movimento da Marcha da Vadia. Serão salientadas as diferentes interpretações que eles geram, e a repercussão que causam por estarem associados a uma ferramenta linguística que enriquece o texto, quando bem utilizada, como é o caso das figuras de linguagem.

Ao final, o trabalho reiterará a necessidade de que a Educação formal deve ir para além dos muros da escola, no sentido de trazer para os estudantes materiais que se baseiem na realidade, na vida e na busca de transformação social.

2. A LUTA POR IGUALDADE DE GÊNERO

2.1 O Movimento Feminista

Ao longo da história, principalmente da história ocidental, sempre houve mulheres que se rebelaram contra as imposições do patriarcado, que é o sistema social baseado na superioridade masculina e, por consequência, a submissão e cerceamento da figura feminina. Beauvoir (1970) afirma que

O triunfo do patriarcado não foi nem um acaso nem o resultado de uma revolução violenta. Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos. Eles nunca abdicaram o privilégio; alienaram parcialmente sua existência na Natureza e na Mulher, mas reconquistaram-na a seguir. Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino. (1970, p.97)

De acordo com PINTO (2010), a primeira manifestação do chamado Movimento Feminista, que reuniu mulheres em prol da luta por direitos, aconteceu nas últimas décadas do século XIX. Nesse momento, na Inglaterra, ocorreram os primeiros protestos a favor do voto. Esse direito foi conquistado em 1918, após muitas greves e movimentos organizados por lideranças feministas inglesas.

No Brasil não foi diferente e, em 1910 o voto foi colocado, pelas brasileiras, no centro de sua luta por direitos. Porém, apenas em 1932 quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral Brasileiro, que as mulheres passaram a exercer esse direito.

Pinto (2010) ressalta que, após a década de 30, o movimento acaba perdendo força. Porém, em 1960, um novo contingente de mulheres começa a se organizar novamente, principalmente a partir das ideias de Simone de Beauvoir, quando inicia o segundo volume de sua obra mais famosa, *O Segundo Sexo*, lançando a máxima: “*Não se nasce mulher, se torna mulher*”³. No livro ela ainda explica que a construção da identidade da mulher está relacionada com a visão dos homens. Ela assume historicamente o lugar do *outro*, portanto, ela é representada e suas funções delegadas a partir das necessidades deles. Nesse sentido, Simone de Beauvoir (1970) afirma

A História mostrou-nos que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela. E assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro. Esta condição servia os interesses dos homens, mas convinha também a suas pretensões ontológicas e morais. Desde que o sujeito busque afirmar-se, o Outro, que o limita e nega, é-lhe entretanto necessário: ele só se atinge através dessa realidade que ele não é. (1970, p. 179)

O desenvolvimento do Movimento Feminista está associado a importantes mudanças sociais, principalmente as que iniciaram no final dos anos 60 e início dos anos 70. Pinto (2010) lembra que os *hippies*, na Califórnia,

³ BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

EUA, junto aos apelos contra a guerra do Vietnã acabaram servindo de estopim para a propagação do lema de “Paz e Amor”, que buscava liberdade a partir de um modo de vida mais simples e comunitário. Na Europa, por sua vez, os estudantes organizaram o “Maio de 68”, e colocaram em xeque a ordem acadêmica estabelecida pelas universidades. Esse movimento acabou se alastrando pela França e uniu-se aos operários. Esses acontecimentos acabaram gerando reflexos em todo mundo.

É nesse contexto de profundas transformações que surge a pílula anticoncepcional nos Estados Unidos. Esse fato acaba por desencadear um novo pensamento no Movimento Feminista, aliado à ideia libertária. As mulheres não queriam apenas mais espaço no trabalho, na vida pública, na educação, mas achavam necessária uma nova forma de relacionamento entre os sexos. A luta nesse período expandiu-se, e as mulheres vislumbravam a autonomia e a liberdade para decidir sobre a sua vida e seu próprio corpo. Nesse sentido, Pinto (2010) afirma que

Em países onde o movimento feminista teve uma história longa com muita visibilidade e com vitórias expressivas no campo dos direitos das mulheres, há um número importante de mulheres na disputa eleitoral e nos cargos legislativos, executivos e judiciários. Todavia, esta presença não garante que as mulheres tenham se eleito com plataformas feministas ou que sejam feministas. Mesmo assim é muito mais provável que as demandas por direitos das mulheres sejam defendidas por mulheres do que por homens, independente da posição política, ideológica e mesmo da inserção no movimento feminista. (PINTO, 2010, p.18)

No Brasil, com o golpe militar, ocorre um cenário um tanto distinto, pois a repressão acaba afogando muitas das iniciativas do Movimento Feminista. Apenas nos anos 80, com a redemocratização, que o movimento passa a ganhar força e conquistar seu espaço. Esse avanço culmina na elaboração da Constituição de 1988, que ainda é vista como uma das que mais garante direitos para a mulher no mundo (PINTO, 2010).

A partir do século XX, o tema da violência contra a mulher, principalmente no espaço doméstico, foi colocado em pauta. A Lei Maria da Penha, de 2006, vem para criar mais mecanismos em prol das mulheres.

O novo século trouxe novas perspectivas ao movimento feminista, pois a luta cotidiana por espaço na sociedade ainda se faz necessária. E, mesmo com muitas conquistas, o espaço político é dominado pelos homens e pouco se fez para que essa realidade mudasse. Pinto (2010) afirma que

Urge um programa de inclusão das mulheres na vida política, que não poder ser entendido como confecção de cartilhas ou campanhas publicitárias, mas, e eu estou convencida disto, como um programa para dar voz às mulheres, para construir espaços nos quais as mulheres falem. Dar a palavra para as mulheres – e só as mulheres podem fazê-lo de modo a não construir novas relações de poder. Esta certamente não é uma ação suficiente, o “caminho das pedras”, porque não há tal caminho, mas certamente é essencial. (PINTO, 2010, p. 22)

Percebemos ainda que no Brasil as mulheres não deixaram de sofrer violência. Mesmo após a Lei Maria da Penha, dados do IPEA⁴ (Instituto de pesquisa econômica aplicada), em 2013, comprovam que a lei não eliminou, e nem mesmo diminuiu, os assassinatos de mulheres por seus parceiros. Os números são alarmantes, principalmente no nordeste e sudeste do país.

2.2 A Marcha das Vadias

Nesse contexto histórico de reivindicações, um novo fato, ocorrido em Toronto - Canadá, trouxe novas bandeiras ao Movimento Feminista no mundo. Em 2011, foram denunciados diversos crimes sexuais contra as mulheres nas universidades canadenses. A partir desse fato, um policial fez uma declaração afirmando que as mulheres deveriam evitar determinadas roupas, pois quando assim seria mais difícil serem estupradas. Com esse posicionamento, ele acabou culpando as vítimas, não os algozes.

Essa atitude do policial foi considerada machista pelas estudantes que, em resposta a esse pronunciamento, começaram novos protestos. Logo essa onda de indignação chegou ao Brasil. Aqui, as manifestações foram intituladas de Marcha das Vadias. E o mais interessante é que os simpatizantes da causa acabaram selecionando vocábulos relacionados à opressão sexual feminina e

⁴ D'AGOSTINO, Rosane. Lei Maria da Penha não reduziu mortes de mulheres por violência, diz IPEA. In: G1. São Paulo - 25 de set. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/09/lei-maria-da-penha-nao-reduziu-morte-de-mulheres-por-violencia-diz-ipea.html>

transformando-os em uma bandeira de lutas e reivindicações em prol das mulheres. A começar pelo título da marcha, que possui a palavra “vadia”⁵, muito utilizada para xingamentos a mulheres referentes à sua vida sexual.

Em um dos sites que divulgam a marcha no Brasil, as militantes feministas escrevem: *“Ao gritarmos: ‘Eu sou vadia, e você?’ reafirmamos que agora ‘vadia’ virou sinônimo da mulher que luta e que não se cala diante da violência. É a nossa força de reação e o nosso poder de mobilização. Nossos polêmicos corpos à mostra escancaram a busca pelo fim da opressão. Chocamos a população? Sim. Esse é o nosso propósito e o grande questionamento que levamos para as ruas é: ‘Por que o termo vadia é mais chocante do que os números da violência contra a mulher?’”*.⁶

Segundo Bakhtin (1981),

O tema ideológico possui sempre um índice de valor social. Por certo, todos estes índices sociais de valor dos temas ideológicos chegam igualmente à consciência individual que, como sabemos, é toda ideologia. Aí eles se tornam, de certa forma, índices individuais de valor, na medida em que a consciência individual os absorve como sendo seus, mas sua fonte não se encontra na consciência individual. O índice de valor é por natureza interindividual. (Bakhtin (1981[1929], p.45)

De acordo com a mudança de significado da palavra ‘vadia’, há uma mudança do *índice de valor social* quando se emprega a palavra em outro contexto. Se em sua origem o vocábulo suscita promiscuidade, característica negativa quando empregada ao sexo feminino, na Marcha das Vadias, ocorre algo distinto. É um grito de empoderamento da mulher, uma afirmação de que, *“se ser livre é ser vadia, todas somos todas vadias”*⁷.

Esse é um exemplo de que a língua é viva e se transforma de acordo com seus sujeitos, de acordo com a história e a cultura de um povo. Os significados das palavras dependem do contexto. Nesse caso, houve uma

⁵ Significado da palavra Vadia: s.f. Informal. Pej. Aquela que possui modos de vida considerados amorais, embora não viva na prostituição. Vagabunda. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/vadia/>

⁶ Marcha das Vadias. Disponível em: <http://marchadasvadiascwb.wordpress.com/conheca-a-marcha/porquevadias/>

⁷ Marcha das Vadias. Disponível em: <http://marchadasvadiascwb.wordpress.com/conheca-a-marcha/porquevadias/>

mudança importante não só linguisticamente, mas socialmente. Bakhtin (2003, p.261) afirma que *“todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”*. Portanto, é pela linguagem que se transforma a própria sociedade e por que não pensar que é também através da linguagem que se constrói outra relação de gênero?

3. EDUCAÇÃO E TEMAS TABUS

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) propõem uma educação comprometida com a cidadania. Nesse sentido, elegeram princípios que regem a educação escolar. São eles: Dignidade da pessoa humana, Igualdade de direitos, Participação democrática e Co-responsabilidade pela vida social. Nesse sentido, é impossível não tratar de temas considerados tabus em sala de aula, pois, quando o objetivo é a formação de um cidadão, a dimensão ética e política são imprescindíveis.

Os PCN's intitulam essa necessidade de trabalho com assuntos da sociedade de Temas Transversais. A partir desses temas, relacionados à ética, meio ambiente, pluralidade cultural, saúde, orientação sexual, que percebemos a flexibilização do currículo no sentido de dar igual importância entre essas áreas e as disciplinas convencionais.

Os PCN's ainda colocam o professor como figura central na educação para a cidadania. Segundo os PCN's

Propor que a escola trate questões sociais na perspectiva da cidadania coloca imediatamente a questão da formação dos educadores e de sua condição de cidadãos. Para desenvolver sua prática os professores precisam também desenvolver-se como profissionais e como sujeitos críticos na realidade em que estão, isto é, precisam poder situar-se como educadores e como cidadãos, e, como tais, participantes do processo de construção da cidadania, de reconhecimento de seus direitos e deveres, de valorização profissional. (PCN'S, 1997, p. 38)

A escola é, portanto, lugar de construção de autonomia, de cidadania. Percebemos que determinadas atitudes de violência e preconceito são evidenciadas nas salas de aula. É urgente, portanto, a mudança de atitude dos próprios educadores e comunidade educativa em relação a determinadas temáticas consideradas polêmicas. Construir uma sociedade mais justa, com

mais dignidade humana, passa pela mudança de paradigmas, pela inclusão e tolerância. Isso também contempla as questões de gênero, que perpassam a sexualidade e acabam interferindo nos papéis do homem e da mulher na sociedade.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

Tomando por base que todo o conhecimento é compartilhado através da linguagem, mais especificamente a linguagem escrita, podemos perceber que o ato de ler é político. É através da leitura que os seres humanos interagem, trocam experiências, compreendem a realidade em que estão inseridos e percebem seu papel como cidadãos na sociedade.

Ler é também um ato histórico ao estabelecer uma relação histórica entre texto e leitor. Aquele que vai além das questões da superficialidade textual, expande seus conhecimentos. Ao relacionar o que lê com outros textos, ressignifica-o, faz uma leitura de mundo a partir de suas próprias conclusões. Torna-se, portanto, mais crítico. Nesse sentido, Orlandi (2005) afirma que

Quando lemos estamos produzindo sentidos (reproduzindo-os ou transformando-os). Mais do que isso, quando estamos lendo, estamos participando do processo (sócio-histórico) de produção de sentidos e o fazemos de um lugar e com uma direção histórica determinada (ORLANDI, 2005, p. 59)

Além disso, há que se desenvolver, durante as práticas de leitura, um respeito pelo leitor e seus conhecimentos prévios. Não se deve conceber apenas uma resposta como verdadeira quanto aos significados de um texto, pois eles têm uma variedade de leituras possíveis dependendo do leitor, do contexto, etc.

Devemos privilegiar atividades que levem o leitor a elaborar seu próprio raciocínio. Nesse sentido, Orlandi (2005) salienta que

Para chegar à compreensão não basta interpretar, é preciso ir ao contexto de situação (imediato e histórico). Ao fazê-lo, pode se apreciar o lugar em que o leitor se constitui como tal e cumpre sua função social. (ORLANDI, 2005, p. 74)

Portanto, não devemos compreender a leitura como um gesto automático de codificações, mas como um procedimento que emerge da historicidade contida na linguagem. Segundo Lavall e Schröder (2007),

“O que importa são os discursos produzidos na e pela linguagem, as ações que se realizam entre sujeitos situados em um contexto histórico e social, dentro de uma situação concreta de comunicação”. (LAVALL e SCHRÖDER, 2007, p. 10)

O presente trabalho irá analisar enunciados que pretendem comunicar e argumentar em prol da causa feminista. Portanto, devemos colocar em evidência o contexto de comunicação. A mensagem só será entendida pelos destinatários, se analisada dentro dessa situação pré-estabelecida, que é a Marcha das Vadias.

Bakhtin por sua vez engloba a enunciação como resultado de interações sociais. Ele afirma que “A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir de seu próprio interior, a estrutura da enunciação”. ([1929] 1995, p. 117)

Para ele, a comunicação se dá em situação concreta. Esse aspecto defendido por Bakhtin será fundamental na análise dos enunciados das Marchas das Vadias, devido a importância da compreensão contexto do movimento para a construção de significação em que as figuras de linguagem, especialmente a metáfora e a metonímia ajudam a construir.

Além disso, outro aspecto torna-se importante: durante a comunicação, o sujeito que enuncia leva em consideração o grau de informação que o destinatário tem da situação, os conhecimentos prévios que possui, suas convicções e preconceitos. Esses aspectos influenciam a maneira como o enunciado é produzido, seu estilo, gênero, escolhas semânticas, etc. Bakhtin acaba reforçando a ideia de que o estilo depende da maneira como o locutor percebe e compreende seu destinatário.

No caso dos enunciados que serão analisados, é interessante perceber que, por se tratar de manifestações em prol das mulheres, a sociedade em geral pode não concordar com o que elas representam e/ou defendem durante

as passeatas. Vale também perceber que o cidadão comum, impregnado de cultura de massa, pode não entender os enunciados das Marchas das Vadias e até mesmo não concordar com determinadas expressões trazidas nos cartazes, além dos corpos nus das próprias mulheres. Principalmente pelo fato de desconhecerem o contexto enunciativo de emancipação feminina dentro de uma cultura ainda patriarcal.

Ainda em relação aos enunciados trazidos durante as marchas, seja em gritos de guerra, cartazes, ou escritos nos corpos dos manifestantes, podemos perceber também uma outra característica comum: a presença de inúmeras figuras de linguagem. Essa marca é imprescindível para a construção de sentido, pois é através dessas escolhas semânticas que o movimento se baseia para chamar a atenção da população para a causa feminista através do efeito, não só de imagens e corpos nus, mas da própria linguagem verbal.

4.1 Figuras de Linguagem

Mesmo sendo colocadas de lado por muitas gramáticas, as figuras de linguagem, principalmente as de natureza semântica, são fundamentais para o domínio linguístico. Garcia (2011) afirma que

Quando se diz que alguém usa bem o idioma, que alguém fala ou escreve com distinção e elegância, estamos querendo dizer que, além de não cometer erros de coesão e coerência, sintaxe, ortografia e prosódia, essa pessoa se vale com maestria dos recursos estilísticos à sua disposição, mormente dos recursos estilísticos semânticos, que moldam o que se quer dizer, ao invés dos recursos morfológicos, sintáticos e fônicos, cuja finalidade é mais propriamente adornar ou enfatizar do que veicular uma mensagem. (GARCIA, 2011, p. 56)

Sendo assim, as figuras de linguagem, que são ricos recursos linguísticos, chamam a atenção do interlocutor. É uma maneira criativa de comunicação, que requer conhecimento estilístico. Esse deve ser um dos motivos de observarmos o quanto elas se fazem presentes nos enunciados das Marchas das Vadias.

Os enunciados em questão possuem principalmente metáforas. A metáfora consiste em empregar uma palavra em um contexto que lhe atribua um significado diferente do literal utilizando um termo com o significado de

outro em vista de uma relação de semelhança entre ambos. Portanto, é uma comparação subentendida.

Em relação à metonímia, podemos afirmar que ela consiste em uma substituição do sentido de uma palavra ou expressão por outro sentido, havendo entre eles uma relação lógica. Segundo Garcia (2011), “é uma comparação parcial implícita” Pode relacionar a parte com o todo, características, localização, causa e efeito, etc. (p.57)

Também serão utilizadas as chamadas figuras de pensamento ou significação, pois têm por objetivo chamar a atenção do receptor por causarem quebra do pensamento linear. Certamente a mais utilizada, no caso do *corpus* selecionado, é a ironia. Será também abordado o eufemismo em um dos enunciados. A ironia consiste em dizer o contrário do que se pretende ou satirizar determinado pensamento. O eufemismo é o emprego de uma expressão mais suave quando há um tema polêmico.

5. PROCEDIMENTOS

Para o trabalho, foram selecionados enunciados provenientes de cartazes das Marchas das Vadias. É importante observar que muitos deles estão escritos nos corpos nus das militantes, outros são desenhados em bandeiras. Todos os enunciados foram recolhidos de sites feministas de todo o país a partir de fotografias das marchas desde 2012.

5.1 Seleção do *corpus*

Foram selecionados 10 enunciados a partir das temáticas mais abordadas nas Marchas das Vadias. A saber: liberdade e emancipação do corpo da mulher; legalização e descriminalização do aborto; a mulher como ser humano, não como objeto sexual; assédio sexual e cultura do estupro; direito a participação política.

Os enunciados selecionados estão listados abaixo:

- 1- Se ser cachorra é ser livre, então late que eu tô passando.⁸
- 2- Liberte sua vagina.⁹

⁸ Disponível em: <http://zip.net/bpnmdd>

- 3- Mantenha sua opinião longe do meu útero.¹⁰
- 4- Tirem seus rosários dos nossos ovários.¹¹
- 5- Queremos respeito, mulher não é só bunda e peito.¹²
- 6- Chupa meus pelos.¹³
- 7- Minha roupa não é um convite. Meu corpo, minha lei.¹⁴
- 8- Você gosta de fiu-fiu? A sua mãe não.¹⁵
- 9- Eles nos ensinam a nos calar, mas nós vamos mostrar o poder das nossas vozes.¹⁶
- 10- Lugar de mulher é onde ela quiser¹⁷

Os enunciados listados acima provêm de diversas marchas realizadas no país em datas distintas. A análise a seguir vai centrar-se apenas na questão linguística e no impacto da linguagem nos interlocutores.

5.2 Análise do *Corpus*

Os enunciados serão organizados a partir dos eixos centrais acima mencionados. São cinco temas principais que serviram de norte para a organização do *corpus* desta pesquisa.

5.3 Liberdade e Emancipação do corpo da mulher.

Se ser cachorra é ser livre, então late que eu tô passando.

⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=711208382270451&set=gm.556736127772789&type=1>

¹⁰ Disponível em: <http://zip.net/bqnmV>

¹¹ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/midianinja/8847439076/>

¹² Disponível em: <http://zip.net/bsnl9h>

¹³ Disponível em: <http://eduardovalente.com.br/blog/2013/05/26/marcha-das-vadias-2013-florianopolissc/#jp-carousel-40>

¹⁴ Disponível em: <http://zip.net/blnlq9>

¹⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=624598030964972&set=pcb.557086137737788&type=1&permPage=1>

¹⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10152343617374223&set=pcb.562164153896653&type=1&permPage=1>

¹⁷ Disponível em: <http://noticias.band.uol.com.br/cidades/noticia/?id=100000507784>

Liberte sua vagina.

Ambos os enunciados versam sobre a liberdade e emancipação, principalmente no que se refere a sexualidade feminina que, historicamente, é reprimida e considerada suja ou imprópria a uma mulher digna de respeito.

5.3.1 **Enunciado:** Se ser cachorra é ser livre, então late que eu tô passando.

A palavra 'cachorra' está sendo empregada de forma metafórica. Ela possui conotação ligada à promiscuidade feminina. Nesse caso, não há um prejuízo de entendimento, pelo contrário, pois a palavra em questão já é comumente utilizada para denigrir a imagem das mulheres. O que acontece, a partir da expressão 'ser cachorra é ser livre' é uma mudança de paradigma. Essa afirmação acaba desmontando a ideia de que a mulher é inferiorizada quando possui muitos parceiros, quando está vivenciando a sexualidade livremente.

Ao final há uma ironia quando se adiciona 'late que eu tô passando' pois mesmo que as ideias machistas e conservadoras sejam igualadas, no sentido figurado, ao latido de cães raivosos, as mulheres estão passando, ou seja, estão em marcha e não se calarão ou serão atingidas por ideias consideradas retrógradas. É interessante perceber o humor presente no enunciado justamente pelo fato de as palavras 'cachorra' e 'late' serem empregadas de maneira criativa, através do sentido metafórico, nesse contexto de disputa política.

5.3.2 **Enunciado:** Liberte sua vagina.

A palavra 'vagina' representa no enunciado o prazer feminino, a sexualidade, ou seja, ela é utilizada no sentido metonímico. Porém, mesmo que substituamos a palavra 'vagina' por sexualidade, haverá ainda uma metáfora, pois o verbo 'libertar' também estará empregado no sentido figurado. O verbo pode representar a necessidade de as mulheres descobrirem seu próprio corpo. Porém, ao contrário do primeiro enunciado, a leitura e interpretação de 'Liberte sua vagina' dependerá da vivência do interlocutor, do entendimento do

contexto da Marcha das Vadias e, quiçá de um entendimento sobre como se desenvolveu historicamente a liberdade sexual de homens e mulheres.

O segundo enunciado está focado na questão da emancipação do corpo da mulher e de sua busca pelo prazer. É sabido que a sexualidade feminina foi historicamente reprimida, tanto é que dados de uma pesquisa recente realizada pelo Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da USP¹⁸ ainda revelam que no Brasil, 30% das mulheres confessam que não têm orgasmo; 35%, afirmam que têm alguma dificuldade de sentir desejo e 21% que sentem dor na relação sexual. E esses são números isolados, pois a mesma mulher pode manifestar os três sintomas simultaneamente e isso perfaz 49%.

São dados alarmantes, pois estamos em pleno século 21, e ainda sim pouco é discutido sobre a questão da sexualidade da mulher. Por isso, dizer, utilizando um verbo no imperativo, 'Liberte sua vagina' ainda é um ato inédito quando pensamos que muitas mulheres não têm o direito de experimentar o prazer em seu próprio corpo. A palavra 'liberte' está associada ao sentido de busca por esse autoconhecimento, que, objetivamente, tem a ver muito mais com a masturbação do que com a dependência de um parceiro/a para se chegar ao orgasmo.

5.4 Legalização e descriminalização do aborto

Mantenha sua opinião longe do meu útero.

Tirem seus rosários dos nossos ovários.

Eis uma temática que simboliza um grande tabu e é revestida com enormes nuvens de ignorância e preconceitos. É indiscutível que o movimento feminista seja favorável à legalização e descriminalização do aborto, principalmente por defender que o aborto é um problema de saúde pública, não um caso de polícia. Em 2013, o próprio Conselho Federal de Medicina¹⁹

¹⁸ Disponível em: <http://drauziovarella.com.br/sexualidade/orgasmo-feminino/>

¹⁹ Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/03/medicos-defendem-liberacao-do-aborto-ate-12-semana-de-gestacao.html>

afirmou ser favorável à legalização do aborto até a 12^a segunda semana de gestação.

5.4.1 **Enunciado:** Mantenha sua opinião longe do meu útero.

O primeiro enunciado traz a palavra 'opinião' e a palavra 'útero' fora de seu uso literal. Ambas são usadas metaforicamente: a primeira pode significar no enunciado que ninguém tem o direito de podar o direito individual sobre o próprio corpo; a segunda faz referência clara ao aborto, a interrupção de uma gravidez indesejada, pois é o útero que abriga o feto durante a gestação.

O enunciado mostra mais uma vez a postura das militantes em relação a esse tema. Deixam bem claro que a opinião alheia sobre o abortamento não tem relação com os direitos individuais. Nesse sentido, não importa o que os outros pensem sobre essa atitude, as mulheres que querem realizar tal procedimento, continuarão realizando independente da vontade de outrem. Isso é reiterado quando é mencionado o nome de um órgão, o próprio útero, que caracteriza a identidade da mulher, principalmente em uma gestação.

5.4.2 **Enunciado:** Tirem seus rosários dos nossos ovários.

As duas palavras, 'rosários' e 'ovários' formam uma rima, devido a sonoridade de ambas. Esse é o primeiro efeito estilístico do enunciado. Ele traz também um órgão, os ovários, utilizado de forma metafórica. Representa, como no primeiro enunciado, uma gravidez indesejada, mas, mais do que isso, acaba demonstrando que o corpo é da mulher e é ela quem decide sobre ele, não a igreja. A palavra 'rosários', significa, em seu sentido literal, um símbolo religioso. Porém, ela é utilizada metonimicamente representando a religião, ou as religiões. Segundo Lasbeck (2002), a metonímia pode mostrar traços culturais do interlocutor, pois a escolha e a substituição de determinados termos numa frase demonstram características e valores que são destacados. Nesse caso, a palavra 'rosários' foi colocada em evidência por representar justamente a necessidade de haver a garantia de direitos independentemente de credo, de religião. Ambas as palavras em destaque são relevantes na construção do sentido do enunciado em questão.

Quando é construído o sentido do enunciado, temos: ‘O rosário’, ou a religião, não deve servir de impedimento às liberdades individuais da mulher e do direito sobre o próprio corpo. Portanto, a metonímia e a metáfora são utilizadas para afirmar que as crenças não devem interferir nos direitos civis.

5.5 A mulher como ser humano, não como objeto sexual

Queremos respeito, mulher não é só bunda e peito.

Chupa meus pelos!

Há uma vasta literatura relacionada a como a mulher é representada em diferentes mídias. Geralmente seu corpo está associado à ideia de servir ao universo masculino. A objetificação do corpo da mulher é um dos grandes problemas enfrentados por elas na sociedade. Não importa o quão estudiosas, inteligentes e bem-sucedidas elas sejam, o valor da mulher está ligado à sua aparência, feminilidade e juventude. No livro *O Mito da Beleza*, de Naomi Wolf, ela discursa sobre a influência desses padrões na vida das mulheres contemporâneas. Ela afirma que

À medida que as mulheres se liberaram da mística feminina da domesticidade, o mito da beleza invadiu esse terreno perdido, expandindo-se enquanto a mística definhava, para assumir sua tarefa de controle social. A reação contemporânea é tão violenta, porque a ideologia da beleza é a última das antigas ideologias femininas que ainda tem o poder de controlar aquelas mulheres que a segunda onda do feminismo teria tornado relativamente incontroláveis. Ela se fortaleceu para assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade não conseguem mais realizar. Ela procura neste instante destruir psicologicamente e às ocultas tudo de positivo que o feminismo proporcionou às mulheres material e publicamente. (WOLF, 1992, p. 12-13)

A beleza, portanto, se sobrepôs às funções domésticas e tornou-se imprescindível para que a figura feminina obtenha prestígio profissional. O controle da mídia sobre a mulher é intenso, visto que seu futuro depende da aparência cada vez mais jovem.

5.5.1 **Enunciado:** Queremos respeito, mulher não é só bunda e peito.

No enunciado em questão, a palavra ‘bunda’ e a palavra ‘peito’, mesmo que estejam em seu sentido literal, significando os dois órgãos em questão,

acabam representando, na análise global da expressão ‘mulher não é só bunda e peito’, uma relação metonímica que simboliza a necessidade de humanizar a mulher e seu corpo. É óbvio para o interlocutor que uma pessoa não é só ‘bunda’ e ‘peito’, porém, essas palavras foram dispostas no enunciado devido à necessidade de incorporar valor à vida da mulher, no sentido de que ela não é apenas um objeto sexual para o prazer e deleite masculinos.

O enunciado mais uma vez reivindica a posição de cidadã das mulheres. Traz a palavra ‘respeito’ ao lado de ‘bunda’ e ‘peito’, que são duas partes do corpo feminino associadas ao sexo, principalmente ao olhar do desejo dos homens. Desse modo, se afirma que as mulheres são, acima de tudo, seres humanos e que, portanto, não precisam se dar ao respeito, pois devem tê-lo por direito.

5.5.2 **Enunciado:** Chupa meus pelos!

O enunciado ‘Chupa meus pelos’ reitera a afirmação de que a mulher não é um objeto sexual, que ela é um ser humano e que merece ser livre, inclusive dos padrões estéticos, principalmente no sentido de querer higienizar a mulher, fazendo com que ela se depile sem perguntar-se o porquê dessas exigências. As militantes utilizaram o verbo ‘chupar’ metonimicamente para fazer uma menção ao sexo oral. É através desse jogo de palavras – ‘chupa’ e ‘pelos’ - que se constrói a ironia. Ao mesmo tempo em o interlocutor se choca com a expressão, esse efeito só é possível se ele conhece a expressão ‘Chupa!’, no contexto coloquial, inclusive muito utilizada pelos homens para se vangloriar de vitórias nos esportes, ou qualquer outro feito realizado por eles.

O enunciado acima só será entendido se houver a compreensão desse contexto. É sabido que as mulheres contemporâneas consideradas belas são as que praticam a depilação no corpo. Por isso, a ironia é utilizada para salientar a quebra dos padrões de beleza ao afirmar-se que a mulher pode gostar de seus pelos, de sua natureza; que não precisa depilar-se para ser bela. O enunciado, portanto, utiliza a metáfora para representar a necessidade de elevar a autoestima, de amar-se do jeito que se é.

5.6 Assédio sexual e cultura do estupro

Minha roupa não é um convite. Meu corpo, minha lei.

Você gosta de fiu-fiu? A sua mãe não.

Os dois enunciados vão ao encontro das origens da Marcha das Vadias, em 2011. Defendem que o corpo da mulher não é um bem público, pertence a ela e que a causa de estupros e violência à mulher não tem a ver com a postura dela perante a sociedade. Muitas vezes é percebido que se culpa a vítima pela violência sofrida e é contra esse pensamento que a marcha foi organizada. Esse é um tema relevante, pois os dados de uma pesquisa pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública revelam que a cada 10 minutos uma pessoa foi vítima de estupro no Brasil²⁰, em 2013. Além disso, o estudo mostra que a cada 10 vítimas, apenas 3 dão queixa na polícia. No início de 2014, o IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada²¹ realizou um estudo sobre violência contra as mulheres. Nele, 26% dos homens entrevistados afirmaram que mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas.

5.6.1 **Enunciado:** Minha roupa não é um convite. Meu corpo, minha lei.

O primeiro enunciado liga as palavras ‘roupa’ e ‘convite’ no sentido metafórico. O sentido delas se remete ao fato de que não importa o modo com que a mulher esteja vestida, ninguém pode tocá-la sem seu consentimento. O ‘convite’ pode significar metaforicamente o ato ou o assédio sexual. Ao afirmar ‘meu corpo, minha lei’, novamente se volta à questão do direito sobre o próprio corpo e sexualidade. A palavra ‘lei’ está empregada no sentido metafórico. O interlocutor, ao observar o contexto do enunciado, compreende que a palavra em questão pode significar autonomia, empoderamento e direito sobre o próprio corpo.

5.6.2 **Enunciado:** Você gosta de fiu-fiu? A sua mãe não.

O segundo enunciado traz a expressão ‘fiu-fiu’ muitas vezes utilizada quando os homens assediam as mulheres nas ruas. Isso constitui uma metonímia, pois a onomatopeia simboliza ‘assédio sexual’. Na visão da

²⁰ Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2014/11/cada-dez-minutos-uma-pessoa-e-vitima-de-estupro-no-brasil.html>

²¹ Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/ipea-admite-erro-em-pesquisa-sobre-violencia-contra-a-mulher-3858.html>

sociedade, o assédio nas ruas muitas vezes é confundido com elogio. Por isso, ao final há a resposta à pergunta inicial em 'A sua mãe não'. Certamente essa ironia é voltada ao público masculino que frequentemente reclama e/ou briga pela honra de mulheres de sua família.

O enunciado termina, portanto, com uma figura de pensamento, a ironia. Ela remete ao sentido de que ninguém gostaria que a própria mãe sofresse assédio. Essa é uma estratégia linguística utilizada na tentativa de colocar os homens no lugar da vítima, fazer com que eles percebam que, mesmo que as mulheres estejam em um local público, seu corpo não é público.

O site feminista intitulado Olga realizou uma pesquisa²² via internet sobre o assédio que as mulheres sofrem nas ruas e os resultados são alarmantes: 99,6% das entrevistadas relataram já ter sofrido algum tipo de violência ao saírem de casa. A maioria das mulheres relata ter medo das "cantadas" e afirma já ter mudado de roupa ou de trajeto para não sofrerem nenhum tipo de infortúnio. Dentre as palavras e frases mais ouvidas por elas estão: Linda, Gostosa, Delícia, Fiu fiu, Princesa, Te chupava toda, entre outras.

Portanto, através da sátira, do humor presente no enunciado, se debatem questões importantes em relação ao que vivenciam muitas mulheres cotidianamente. É interessante perceber também a presença do eufemismo.

lasbeck (2002) salienta o fato de que quando há assuntos delicados, temas tabus como a violência, sexualidade, dogmas e crenças da sociedade, esse recurso é muito utilizado. Nesse caso, pelo assédio nas ruas se tratar de uma atitude comum a muitos homens, foi selecionada propositalmente a palavra 'fiu-fiu' para representar essa violência sofrida pelas mulheres cotidianamente. Nesse caso foi uma escolha certa, pois muitos homens poderiam não ser afetados negativamente pelo enunciado se estivesse escrito 'violência' ou 'assédio sexual'.

5.7 Direito a participação política

Eles nos ensinam a nos calar, mas nós vamos mostrar o poder das nossas vozes.

²² Disponível em: <http://thinkolga.com/2013/09/09/chega-de-fiu-fiu-resultado-da-pesquisa/>

Lugar de mulher é onde ela quiser.

Historicamente foi negado o direito das mulheres de ter vida pública, pois a ela era destinado apenas o lar, o marido e os filhos. No Brasil, as mulheres começaram a ter direitos políticos apenas em 3 de maio de 1933, com o direito de votar e ser votada. Segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral²³ (TSE), em 2012, as mulheres já eram maioria entre os votantes, totalizando 51,82%, porém essa representatividade não é significativa no cenário político municipal, estadual ou nacional. Por isso, a Marcha das Vadias apoia a participação política das mulheres, defendendo seus direitos de cidadã.

5.7.1 Enunciado: Eles nos ensinam a nos calar, mas nós vamos mostrar o poder das nossas vozes.

O substantivo ‘poder’ e a expressão ‘nossas vozes’ constituem uma metáfora que representa a importância da participação da mulher na sociedade, a necessidade do protagonismo feminino na construção da democracia. Quando há a afirmação de que ‘eles nos ensinam a nos calar’, não se trata em reduzir o significado a mero rancor do sexo masculino. Trata-se, sobretudo, de uma oposição a um sistema de dominação dos homens sobre as mulheres: o patriarcado. Nesse sentido, ‘calar’ também pode ser considerada em seu significado metafórico, pois significa não participar das decisões, não ser ouvida e contemplada. O ‘poder das nossas vozes’ significa o contrário. Elevar a mulher ao patamar da democracia e da valorização de suas decisões.

5.7.2 Enunciado: Lugar de mulher é onde ela quiser.

Este segundo enunciado vem de encontro à mesma linha de pensamento. Faz menção a uma frase e ideia muito difundida: Lugar de mulher é no fogão, na cozinha. Ou seja, a função da mulher é desempenhar suas tarefas domésticas. Ao afirmar que ‘lugar de mulher é onde ela quiser’ há uma grande metáfora que representa uma mudança de paradigma.

A expressão ‘lugar de mulher’ não significa literalmente uma localização, mas uma função na sociedade, por isso possui um significado no sentido

²³ Disponível em: <http://www.tse.jus.br/noticias-tse/2013/Abril/serie-inclusao-a-conquista-do-voto-feminino-no-brasil>

figurado/metafórico. O mesmo ocorre em 'onde ela quiser', pois significa que elas podem ser o que quiserem ser, pois são livres.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como base a análise realizada, percebe-se que há uma grande habilidade de expressão por parte das militantes da Marcha das Vadias, principalmente pela irreverência e criatividade no modo com que defendem suas ideias. Quando utilizam a metáfora, a metonímia, a ironia, o eufemismo para disseminar o que acreditam, acabam se aproximando do público em geral de maneira mais lúdica e fazendo com que repensem em seus atos em sociedade.

Usadas adequadamente, esses recursos linguísticos são de grande valor e representam um ponto importante quando se fala no sucesso dessas manifestações que, anualmente, ocorrem desde 2011 no país e espalharam-se pelas principais capitais rapidamente.

É importante salientar que os enunciados em questão caracterizam-se em grandes paródias de ditos populares e frases que já fazem parte da cultura popular. Por isso, muitos dos enunciados remetem ao cotidiano e se aproximam do público rapidamente, mas em contextos distintos do comum, subvertendo os significados. O próprio fenômeno da Marcha das Vadias constitui uma carnavalização a partir da linguagem e do conteúdo que aborda.

Conforme Bakhtin, a carnavalização engloba quatro categorias que se interrelacionam e que, em conjunto, constroem-na: inversão, excentricidade, familiarização e profanação. A principal tônica é a inversão. As restrições, as leis e proibições, que sustentam o sistema e a ordem da vida comum, isto é, extracarnavalesca, revogam-se durante o carnaval: "revogam-se, antes de tudo, o sistema hierárquico de todas as formas conexas de medo, reverência, devoção, etiqueta etc" (BAKHTIN, 2000, p.123). Essa característica é percebida, através dos enunciados analisados, principalmente devido à inversão de papéis que oportuniza o empoderamento das mulheres no contexto da marcha.

Vale ressaltar que as escolas precisam encontrar um caminho para discutir temáticas que estão permeadas por preconceitos e violências. É sabido que a violência doméstica praticada contra as mulheres possui dados alarmantes no país e que certamente a Educação é uma grande ferramenta de transformações dessa ordem. Por isso, a abordagem de temas transversais é necessária quando se fala em construir uma escola que ensine a ética e a cidadania, que se propõe transformar a sociedade com justiça e igualdade.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail M.(Voloshinov). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F. Vieira. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981[1929].

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski.** Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 2000.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V.N.) **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, [1929] 1995.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo, volume I: fatos e mitos.** 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1970.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Apresentação de Temas Transversais. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília (DF): MEC/SEF, 1997. 146p. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf> acesso em 13 de fev. de 2015

GARCIA, Afrânio da Silva. **Principais Figuras de Linguagem Semânticas.** Cadernos do CNLF, Vol. XV, nº 4. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação.** São Paulo: Cultrix, 1974.

LAVALL, Claci Fátima e SCHRÖDER, Luciane Thomé. **Um estudo sobre os efeitos de sentido produzidos pelos enunciados expostos em para-choques de caminhões.** Paraná, 2007. Disponível em:

<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_claci_fatima_lavall.pdf> acesso em 13 de fev. 2015

ORLANDI, E. P. **O inteligível, o interpretável, e o compreensível.** In: ZILBERMAN, Regina & SILVA, E. T. da. *Leitura perspectivas interdisciplinares.* 5.ed. São Paulo: Ática, 2005.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, História e Poder.** Revista de Sociologia e Política V. 18, nº 36: 15-23. Curitiba – jun. 2010. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>> Acesso em: 12 fev. 2015.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.** Rocco: Rio de Janeiro, 1992.